

Inseto

Um inseto é mais complexo que um poema
Não tem autor
Move-o uma obscura energia
Um inseto é mais complexo que uma hidrelétrica

Também mais complexo
que uma hidrelétrica

é um poema
(menos complexo que um inseto)

e pode às vezes
(o poema)
com sua energia
iluminar a avenida
ou quem sabe
uma vida.

Ferreira Gullar

«A poesia diz sempre o essencial. A poesia comunista dos anos trinta e quarenta nos relembra que o essencial do comunismo, a ideia comunista não é, jamais foi, a ferocidade de um Estado, a burocracia de um Partido, ou a estupidez de uma obediência cega. Os poemas nos dizem que a ideia comunista é a compaixão pela vida popular oprimida pela desigualdade e pela injustiça; que ela é então a visão ampla de um levante, de uma só vez pensado e praticado, que se opõe à resignação e a transforma num heroísmo paciente; ela nos diz que esse heroísmo paciente visa a construção coletiva de um novo mundo, por meio de um novo pensamento do que pode ser a política. Ela nos relembra, pelos tesouros das imagens e das metáforas, do ritmo e da musicalidade das palavras, que o comunismo em sua essência é a projeção política dos tesouros da vida de todos.» Alain Badiou (“Poesie et comunisme”, *Que pense le poème?*, 2016, trad. Carolina Serra Azul e Renan Nuernberger)

fluxos fluxos fluxos

Sábado, 29/6, às 17h, no Armazém do Campo (r. Eduardo Prado, 499, SP), **Wilson Alves-Bezerra** lança *Malangue Malanga – 30 poemas para ler no exílio*. O livro reúne poemas em prosa, misturando línguas e derrubando fronteiras, e a edição tem tudo a ver com isso: sai ao mesmo tempo por 15 editoras cartoneras de 9 países da América Latina, África e Europa. | No mês de julho vai ter chuva de livros para os leitores de poesia. | **Desterro**, de Camila Assad, com ilustrações de Anna Brandão, pela Macondo. | **Talvez precisemos de um nome para isso**, de Stephanie Borges, pela CEPE. | **O coice da égua**, da Valeska Torres, pela 7Letras. | **Outra língua entre os dentes**, de Chantal Castelli, pela Galileu Edições. | **Mil sóis: poemas escolhidos**, de Primo Levi, em tradução de Maurício Santa Dias, pela Todavia. | **Onde estão as bombas**, de Tatiana Pequeno, pela Macondo. | **O poeta de Pondichéry**, de Adília Lopes, pela Moinhos. | **Poesia holandesa: do séc. XIX à atualidade**, organização de Daniel Dago e traduzida por ele e Rubens Chinali, pela Demônio Negro. | **Miniantologia da poesia holandesa e flamenga**, organizada e traduzida por Vanderley Mendonça, pela Demônio Negro. | E tem mais, muito mais. Tem um monte de gente anunciando novidades para a FLIP. Fiquem atentos aos fluxos. Todos.

«Oswald de Andrade não quiz ser mestre nem papão literário. Marchou para a frente. Póde nos dar uma obra como ainda não foi feita no Brasil. Terminou o palhaço da burguezia. Começou o casaca de ferro da revolução proletaria.» Jorge Amado, resenha de *O Homem e o Cavalo*, de Oswald de Andrade, no *Boletim de Ariel*, 1934.

FLUXOS, microjornal de poesia, é editado por Paulo Ferraz, Renan Nuernberger e Tarso de Melo

SP | *periodicidade temperamental* | *tiragem improvável*
arquivos disponíveis em tarsodemelo.wordpress.com
reprodução livre: *leia, imprima, compartilhe* | obrigado

FLUXOS

edição sete | junho de 2019



José Paulo Paes
(Liberdade interdita, 1973)

Plínio

Não me detenham, amigos, deixem-me zarpar.
Não irei longe: só até a outra margem;
Quero observar de perto aquela nuvem fosca
Que surge sobre o Vesúvio em forma de pinho,
Descobrir de onde vem esse claror estranho.
Não quer me seguir, sobrinho? Bem, fique e estude;
Recopie as notas que lhe passei ontem.
Não há que temer as cinzas: cinzas sobre cinzas,
Cinzas somos nós mesmos, não se lembram de Epicuro?
Vamos, aprontem as naves, que já se faz noite,
Noite ao meio-dia, portento nunca visto.
Não tema, irmã, sou cauteloso e experiente,
Os anos que me encurvaram não transcorreram em vão.
Voltarei logo, claro, só me dê o tempo
De ir, observar os fenômenos e voltar,
Para que eu possa amanhã somar um novo capítulo
Aos meus livros, que espero ainda viverão
Quando depois de séculos os átomos de meu velho corpo
Turbilhonarem soltos nos vórtices do universo
Ou reviverão numa água, numa menina, numa flor.
Marinheiros, obedeçam, empurrem a nave ao mar.

Primo Levi
[trad. Maurício Santana Dias]

talvez o silêncio amplifique a dor,
talvez a dor crescente ondas ao mar
e talvez o mar seja hoje apenas uma reflexão
de uma ruína

e não me importam os cães de raça
e não me importam as barbershops
e não me importam os caixas eletrônicos
espalhados pela cidade
ou a arte de rua pulverizada
nos becos dizendo:
Destroy what destroys you
mas eu me destruo.

Camila Assad

Malangue Malanga (30)

Graça pergunta se é exílio, degredo ou refúgio o que faz
o marujo preto girar parafuso, cantando-se ao mar. Se é
sotaque ou batuque o que torna incompreensível a
escuta ante as misérias no cais. O migrante responde
certeza, memória e uma pedra de mó. Nenhum
português usa uma camisa mais de cinco vezes, ele
ensina. Vivo com pouco, viveria com nada. Uns
carapaus pescava e os dividia com os gatos. Haveria
comboios no arroio para o peixe vomitado chegar ao
Porto no hotel Del Rei Dom Preto Segundo. A cantilena
lusitana dá pano para a manga da camisa rasgada. O
preto roto migrado vai se mostrar disposto, vai cobrir o
rosto para não ser deportado, para não ser levantado em
suspeitas vãs. No fim das contas era só psicose, o mar
sem cardume, o sol sem seu lume, o poço para saques
d'água no banco. O hard disk lacrado, enviado à Bahia
de Todos os Santos, para descarrego. Graça se pergunta
se a mente é imune à maresia, se a nostalgia é que funde
o recôndito do homem preto que só queria atravessar o
mar de longo, para além do medo, e encontrar pela rua a
moça bela e branquela que não tivesse vergonha de lhe
tomar da mão. Graça não sabe não.

Wilson Alves-Bezerra

Carta do velho editor ao colega no séc. XXI

prepara-te, caro,
é muita poeta
pra esconder
sob o tapete.

melhor ouvi-las,
numa boa,

que o tapete delas
voa.

Ana Elisa Ribeiro

O problema da educação

E nem por isso se proíbe
o uso de carro.
É só tirar a munição na hora de brincar
como o plugue da tomada.
*Às vezes a gente vê criança pequena que
coloca o dedo no liquidificador, liga o
liquidificador, vai lá e perde
o dedinho. E daí,
nós vamos proibir o liquidificador?
É uma questão de educação
e orientação.*
A dona de casa não vive sem
o liquidificador.
Há quem não durma sem
armas, como o latifúndio.
É preciso respeitá-los.
Se a propriedade é violada,
que sentimentos delicados
pode-se exigir do cidadão
de bem? Uma oferta,
um gesto, um cafezinho?
Bala, ou mesmo sua intenção,
se paga com bala
e mais: rasgos
no abdômen, pescoços
quebrados, uma letra
na testa, tudo isso
são ossos
do ofício, riscos
a que estão
sujeitos.
O problema deste País é a falta
de educação.
O ócio é o pai
de todos os vícios.

Chantal Castelli

«O ano que é farto em poesia costuma ser o mesmo
em fome.» Miguel de Cervantes